

Homenagem póstuma - Rafael Gioia Martins Neto

“Comunico o falecimento ontem, dia 06 de agosto de 2010, às 19:30 h de Rafael Gioia Martins Neto, de causa desconhecida.”



Foi assim que recebemos a notícia do falecimento desse querido colega, paleontólogo por formação, mas muito, muito mais por vocação, um apaixonado pelo mundo dos insetos fósseis. O improvável e inesperado da situação fez a notícia retumbar como uma bomba entre os amigos mais próximos que foram copiados na mensagem. Os detalhes que se seguiram a esse primeiro impacto foram mais duros ainda, ficando mais difícil assimilar o fato.

Rafael começou sua carreira profissional como publicitário, após concluir o Curso de Comunicação Social em São Caetano do Sul (SP), em 1978. Contudo, sua paixão pela Paleontologia – e, em especial, pelos fósseis do Araripe – era mais forte, e o levou a ingressar no Programa de Pós-graduação

em Geociências da USP, na área de Geologia Sedimentar, em 1986. Ali obteve o grau de Mestre, em 1990, com a dissertação *Sistemática dos Ensifera (Insecta Orthopteroidea) da Formação Santana, Bacia do Araripe (Cretáceo Inferior do Nordeste do Brasil)*, sob orientação de Oscar Roesler, um dos maiores formadores de talentos paleontológicos que o Brasil já conheceu. E com Rafael não foi diferente. Conheci o Rafael nessa época, mais precisamente em 1989, no XI Congresso Brasileiro de Paleontologia. Desde então, e sempre que nos cruzávamos, passava-se horas discutindo sonhos, como bem cabia à futura geração de paleontólogos do Brasil. O dele era, um dia, poder abandonar de vez a publicidade – que tinha como ganha-pão – e poder dedicar-se apenas à paleontologia.

Terminado o mestrado, Rafael imediatamente ingressou no doutorado, também na USP, mas dessa vez sob a orientação de Murilo Rodolfo de Lima, para seguir suas pesquisas com os insetos fósseis do Araripe. Quis o destino – e um pouco também o temperamento do Rafael – que dessa vez não fosse tão fácil. Alguns sonhos se concretizaram: em 1991, Rafael iniciou atividades docentes na Universidade de Guarulhos (cujo vínculo se manteve até 2003) e, em 1994, Rafael assumiu como docente na USP, na área de Biociências, até 2001. Outros, como a finalização do doutorado, só foram acontecer bem mais tarde. Tendo sido jubilado na USP de São Paulo e, posteriormente, na de Ribeirão Preto, Rafael ingressou, em 2000, no Programa de Pós-Graduação em Geologia da UNISINOS, onde finalizou o doutorado, em 2002. Sua tese, *Insetos fósseis como bioindicadores em depósitos sedimentares: um estudo de caso para o Mesozoico sul-americano*, é um compêndio formidável da paleontomofauna mesozoica sulamericana e obteve o grau máximo “Aprovado com Louvor”. Os sucessivos jubileamentos não tiveram outro motivo senão a dificuldade de uma personalidade tão criativa se encaixar na caixa dura e metodológica do fazer científico. Rafael era, talvez até sem saber, um *feyerabendiano*: agia sempre “contra o método” e adotava a filosofia de que toda metodologia de trabalho era válida, desde que o resultado final corroborasse a hipótese. Foi uma prova dura separar a amiga da orientadora ao longo desse tempo; aprendi a conhecer um outro Rafael, menos romântico, menos onírico, mais teimoso e mais vulnerável. Teimosia e vulnerabilidade que podem ser atribuídas, sem muita dúvida, à necessidade constante que tinha de demonstrar a si mesmo e de auto-afirmar sua capacidade científica – algo que já era de domínio público, demonstrado nos muitos trabalhos publicados e no pleno conhecimento que detinha sobre a fauna fóssil de insetos mesozoicos da América do Sul, expresso em sua tese de doutorado. A comunidade paleontológica o tinha como uma referência nesse campo; apenas o Rafael ainda duvidava disso.

O doutorado era um obstáculo que faltava vencer e concluí-lo foi como um grito de liberdade. Desde então, Rafael passou a dedicar-se a outro sonho, à “menina dos seus olhos”, a Sociedade Brasileira de Paleoartropodologia, que fundou em

2001, dirigiu com muito empenho e esforço pessoal, e agregou muitos colaboradores, vários dos quais vieram a se transformar em sólidos parceiros de trabalho. Passou por diversas universidades e, de 2007 a 2009, dedicou-se às atividades de pós-doutoramento na Universidad Nacional del Nordeste, em Corrientes, Argentina, onde trabalhou com Oscar Gallego, parceiro científico e amigo de longa data.

Desde que pode abandonar a publicidade e dedicar-se essencialmente à paleontologia, Rafael focalizou seu trabalho na pesquisa e na docência, influenciando muitos jovens no interesse pelos fósseis, com seu jeito apaixonado e onírico, no melhor estilo “metaleiro”, mas com um que de Peter Pan. O ano de 2010 trouxe para Rafael a possibilidade de exercer suas atividades docentes e de pesquisa na Universidade Federal do Ceará na cidade de Crato (CE). No ano em que publicava seu 100º trabalho (publicado neste número da *Gaea – Journal of Geoscience*, periódico com o qual foi assíduo colaborador, acredito que muito mais pelo amor que tinha pela UNISINOS, amor que nasceu em 1993, quando esteve ali pela primeira vez, no XIII Congresso Brasileiro de Paleontologia; desde então, colaborava sempre com a precursora da *Gaea*, a extinta *Acta Geologica Leopoldensia*), podia afinal sair na varanda de casa e sentar-se a tomar um café na borda do Araripe, lugar a que tantas vezes foi, consumindo recursos que nem sempre dispunha de forma fácil para lá chegar. Era como o coroamento de uma jornada, um prêmio do qual pouco pode desfrutar.

A mensagem recebida dizia que Rafael faleceu de causa desconhecida. Talvez a vida tenha planejado assim, para que ficasse na nossa lembrança apenas o motivo pelo qual o Rafael viveu. Seu nome ficou gravado nas incontáveis páginas de periódicos nos quais publicou seus trabalhos em todo o mundo. Mas a imagem do Rafa, barbudo, cabeludo, de riso fácil e olhos afetivos por trás dos eternos grandes óculos, seu carisma, carregado no sotaque paulista que lhe era peculiar e nas camisetas alusivas ao *hard rock* e a Conan, seu personagem favorito, jamais será esquecida pelos que partilharam essa jornada com ele.

Renata G. Netto

Falar do Rafael é, no mínimo, falar de alguém que foi diferente, que fez as coisas de um modo exclusivo, que era peculiar em atos e ideias. Alguns olharam para o Rafael com desconfiança, outros o amaram com a alma, mesmo desconfiando, e outros ainda, como eu, o estimaram profundamente e ainda puderam por a prova sua competência por força de editar os inúmeros trabalhos que confiou, primeiro à *Acta Geologica Leopoldensia*, a agora à *Gaea – Journal of Geoscience*.

Para outros ainda ele foi capaz de mostrar seu *alter ego* Conan, o Bárbaro (ou avatar, como devem expressar seus jovens estudantes), em seu aspecto mais bravo e irado. Era quando tentavam colocar a prova seu conhecimento e métodos, ou quando, principalmente, via saírem do Brasil, as amostras fósseis de sua amada Chapada do Araripe.

Conheci o Rafael exatamente lá, no meio das pedreiras e seus trabalhadores. Conhecia a todos pelo nome e a eles se misturava na aparência e modo simples de ver a vida. Ali ficava por dias, cheio de uma real alegria e entusiasmo. No segundo encontro, num Congresso, o vi cercado de alunos, tão entusiasmado e feliz como na primeira vez, por estar ali compartilhando o conhecimento. Finalmente pude vê-lo um dia, na que talvez fosse a mais surpreendente imagem dele, de terno e gravata (e que gravata!) para defender seu doutorado. Nunca mais o vi vestido assim. Imaginei quanto isto havia lhe custado, e tive ali a dimensão de seu amor pela pesquisa e seus insetos fósseis. Foi uma das poucas concessões que o vi fazer na vida. Mas que soube há pouco pelos seus novos colegas no Araripe, que haveria ainda uma segunda vez, no dia em se foi.

Muitas outras vezes nos “topamos” (como ele expressaria) nesta vida. Mas a última delas é talvez a mais carismática. Foi quando me deu a notícia de que iria trabalhar no lugar com que sempre havia sonhado, dentro da Bacia do Araripe! Mesmo que não o conhecesse tão profundamente, pude avaliar a alegria que esta oportunidade deve ter causado em sua alma.

Mas não houve tempo para isto, nem para o Rafael cuidar de sua carreira científica nos moldes que os índices de impacto pedem (embora tenha publicado 100 trabalhos), ou quem sabe, nem o quisesse. Mais que falta de tempo, não era isto que o movia. Sua alegria e felicidade, era descrever seus insetos, batizá-los com seus nomes particulares e exóticos, sobre eles elaborar suas ideias, e divulgá-los a “ferro e fogo”, como seu herói, mesmo que isto custasse aos editores o trabalho redobrado de tentar convencê-lo a se adaptar às normas.

Também não lhe deve ter sobrado muito tempo foi para os seus, filhos e esposa, e para garantir-lhes a infraestrutura futura. Em batalhas contínuas num meio que achava seus métodos demasiadamente ortodoxos, sempre estava em mudança, e vivendo – às custas disso – uma vida muito frugal e de pouco conforto. Certamente não deve ter deixado grandes bens materiais, porque este não foi o objetivo de sua vida. Talvez acreditasse que ainda viveria tempo suficiente para isto, porque os amava profundamente. Era deles o tempo em que

não estava entre suas amostras e seu sonho deve ter sido fazer também aos seus, amantes dos insetos e fósseis. Sabemos que nem sempre conseguimos entusiasmar nossas famílias pelo nosso objeto de trabalho, mas isto não eram coisas que estivessem entre as preocupações do Rafael. Seu único pensamento era passar o que sabia e mostrar a todos, não importava que ouvidos, o fascínio de seus animaizinhos alados presos para sempre entre as rochas.

Mas se faltou tempo e riqueza, esta esteve na vida intensa que levou, enorme no que havia de bom e de ruim. Certamente dele todos se lembrarão por isto, por esta total entrega ao seu objeto de trabalho, aos seus filhos, aos outros filhos, seus alunos, e às batalhas inúmeras que travou pela preservação de nosso legado paleontológico, e como em todas as guerras, com a arma que houvesse naquele momento.

Por tudo isto, que o levem e embalem as asas de *Cratoneura*, *Neurastenyx*, *Putzneura*...

O aludido mimetismo dos insetos deve garantir que nosso amigo se transformou no que sempre foi e vai significar para a paleartropodologia brasileira, o *Rafaelia máxima*, a tão feliz combinação de nomes dada por seus colegas, Drs. Nel, Bechly, Garrouste, Pohl & Escuillie.

Tânia Lindner Dutra